

Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical



All the contents of this journal, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution License (CC BY NC 4.0). Fonte: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0037-86821986000200002&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 09 nov. 2017.

REFERÊNCIA

MORAES, Mario A. P. Oncocercose: novos focos no Brasil?. Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical, Uberaba, v. 19, n. 2, p. 67-68, abr./jun. 1986. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0037-86821986000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 09 nov. 2017. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0037-86821986000200002>.

ONCOCERCOSE: NOVOS FOCOS NO BRASIL?

O recente achado de um caso autóctone de oncocercose no Estado de Goiás¹ – assinalando, talvez, a existência de um novo foco da doença no Brasil – veio confirmar o que referimos em artigo anterior², sobre o perigo em potencial, para o resto do País, contido no chamado foco Yanomami.

Até agora, sem dúvida, dois fatores têm conservado a oncocercose restrita a esse grupo indígena, em local remoto da região amazônica: o alto grau de isolamento ainda mantido pelos Yanomami e a falta de vetores apropriados para *Onchocerca volvulus* na periferia da área por eles ocupada. Com efeito, enquanto na parte central e montanhosa do território Yanomami (compreendendo Brasil e Venezuela), um vetor eficiente – *Simulium guianense* – é responsável, nas aldeias aí situadas, por prevalências de até 60% ou mais, na parte periférica e arredores, a espécie predominante – *S. oyapockense* –, embora também vetor, apresenta uma capacidade de transmissão muito inferior a de *S. guianense*. Em consequência, nos indígenas desta zona litorânea e de altitude inferior, dominada por *S. oyapockense*, a prevalência é insignificante, não atingindo 0,5%.

Contraopondo-se, no entanto, aos fatores limitantes da endemia, há dentro do território Yanomami, principalmente em sua parte central, um fator de dispersão, que deve ter contribuído para o aparecimento do caso de oncocercose aqui mencionado. O mesmo fator, provavelmente, será também responsável pelo surgimento, alhures, de novos casos autóctones. Trata-se da ocorrência, na região indígena, de valiosas jazidas minerais, que atraem garimpeiros de todos os recantos do Brasil. Em 1976, houve até mesmo o estabelecimento, por alguns meses, de uma companhia de mineração, na serra dos Surucucus, para a lavra de cassiterita. Durante esse período, calcula-se que mais de trezentos trabalhadores ficaram expostos à oncocercose, através do contato diário com indígenas locais, quase todos infectados. Após a interdição das atividades da companhia, por ordem do Ministério do Interior, os garimpeiros se dispersaram e, atualmente, é impossível saber-se onde eles se encontram. Alguns devem ter se dirigido para Goiás; em Minaçu, cidade onde o novo caso foi encontrado, segundo informações prestadas por residentes antigos, moram hoje numerosos garimpeiros com passagem por Roraima. Vieram eles atraídos pelos garimpos de ouro e cassiterita que também cercam Minaçu.

Dada a natureza nômade dos que buscam minérios, é certa, no presente, a existência de muitos desses trabalhadores, infectados entre os Yanomami.

ONCHOCERCIASIS: NEW FOCI IN BRAZIL?

The recent finding of an autochthonous case of onchocerciasis in the State of Goiás, perhaps recording the existence of a new focus of the disease in Brazil, confirms a previous editorial in this journal which drew attention to the danger of dissemination from the Yanomami focus.

Undoubtedly up to now, two factors have restricted onchocerciasis to indians living in this remote Amazonian region. One is the extreme isolation of the Yanomami indians and the other is the lack of appropriate vectors for *Onchocerca volvulus* at the limits of their territory. In the central mountainous part of Yanomami territory (comprising part of Brazil and Venezuela) an efficient vector *Simulium guianense* is responsible in the aldeias for prevalence figures of up to than 60%. However, at the borders of Yanomami territory the predominant species is *S. oyapockense* which although also a vector has a transmission capacity much inferior to *S. guianense*. In consequence among the indians living at the territorial limits and the lower altitude dominated by *S. oyapockense* the prevalence is insignificant not reaching 0.5%.

In spite of these limiting factors restricting the endemic infections to the central part of Yanomami territory another dispersion factor is responsible for the appearance of this case of onchocerciasis in Goiás. This same factor will be responsible for other new autochthonous cases, namely the occurrence of valuable mineral deposits in the area which attracts mineral prospectors from many parts of Brazil. In 1970, a mining company was established in the Surucucus range for several months to explore cassiterite. During this period more than 300 workers were exposed to onchocerciasis by daily contact with the local indians, most of whom were infected. After the company's activities were closed by order of the Ministry of the Interior the prospectors dispersed and actually it is impossible to know where they went. Some must have travelled to Goiás and to in Minaçu, the town where this new case occurred. According to residents of this town many prospectors from Roraima live in the town today. They are attracted by the deposits of gold and cassiterite around Minaçu.

Many of these workers infected among the Yanomami territory, lead a nomadic life in search of minerals and must be scattered among the mineral rich areas of the north and centro-west regions of the country. However because we understand little of the distribution

nas mais diversas zonas de garimpagem espalhadas pelas Regiões Norte e Centro-Oeste do País. Como, entretanto, pouco se conhece sobre a distribuição das possíveis espécies de simuliídeos vetoras de *O. volvulus*, fora do território Yanomami, é impossível dizer-se, no momento, quais, dentre essas zonas, poderão se transformar no futuro em novos focos de oncocercose.

Para finalizar, é importante trazer à baila que, apesar das proibições estabelecidas, garimpeiros continuam a entrar clandestinamente no território Yanomami, à cata de ouro e diamantes. Muitos saem infectados, pois o trabalho a que se dedicam os obriga a ficar nas margens dos rios – onde abundam os simuliídeos –, às vezes em lugares próximos a aldeias ou malocas Yanomami. Afora isso, várias pessoas com oncocercose – missionários e indigenistas – têm sido removidas da região, para prestar serviços a comunidades indígenas de outros locais; lembrando que as macrofilárias de *O. volvulus* chegam a viver 15 anos ou mais, poderiam essas pessoas, muito bem, como os garimpeiros, servir de fonte para a organização de novos focos da doença dentro do território brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Gerais BB, Ribeiro TC. *Onchocerca volvulus*: 1º caso autóctone da Região Centro-Oeste. *Revista da Sociedade*

of possible simuliid vectors of *O. volvulus* outside Yanomami territory, we cannot say at the moment which of these zones could transform into new foci of onchocerciasis in the future.

Finally it is important to emphasize that inspite of the prohibitions already established prospectors continue to enter illegally in Yanomami territory to find gold and diamonds. Many leave infected since their work necessitates long periods by river banks where there are abundant simulium and also near the settlements of the Yanomami. As well as this, several people with onchocerciasis – missionaries and indian workers – have left the region to work with indians in other localities. Remembering that the macrofilariae of *O. volvulus* can live for 15 years or more these people as well as the mineral prospectors could act as sources to establish new foci of the disease within Brazilian territory.

Brasileira de Medicina Tropical 19 (Suplemento): 105-107, 1986.

2. Moraes MAP. O foco brasileiro de oncocercose. *Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical* 18: 71-75, 1985.

Mário A. P. Moraes
Universidade de Brasília
Membro do Comitê de Peritos em Filariose da OMS